

Semeando Dentes de Dragão: Os Grupos Operacionais do OSS na Segunda Guerra Mundial

Nathan C. Hill

MUITO JÁ SE escreveu sobre o Gabinete de Serviços Estratégicos (*Office of Strategic Services — OSS*). A maior parte do material produzido se concentra em suas ações de espionagem, suas atividades clandestinas e seu papel como precursor da CIA (Agência Central de Inteligência). Normalmente, todas as referências históricas sobre as atividades de Operações Especiais (Op Esp) do OSS dizem respeito às equipes *Jedburgh*, compostas de três integrantes, lançados de paraquedas na França, ou ao Destacamento 101 (também conhecido como *Kachin Rangers*), na antiga Birmânia (atual Mianmar). Contudo, também existiu, durante a Segunda Guerra Mundial, uma importante unidade de Op Esp inserida atrás das linhas inimigas, que é negligenciada pela maioria dos historiadores: o Grupo Operacional (GO). Os GO eram frações altamente treinadas, incumbidas de organizar, adestrar e aprovisionar os movimentos *maquis* da Resistência Francesa, para combaterem as potências do Eixo por trás das linhas inimigas, no Teatro de Operações (TO) Europeu. Os GO têm sido ignorados historicamente. Suas atividades demonstraram o papel significativo que a guerra de guerrilha poderia exercer no campo de batalha moderno e reintroduziram o conceito de guerra não convencional no léxico militar norte-americano.

Criação do OSS e dos GO

Em 1940, o então Secretário da Marinha dos Estados Unidos da América (EUA) William



Militares do OSS em um base no Ceilão, 1945.

Arquivo Nacional dos EUA, 540054

Knox, propôs que uma missão fosse enviada à Inglaterra com o intuito de obter dados de Inteligência sobre a situação na Europa e de estabelecer relações com os britânicos. Algo de grande interesse para Knox e para o Presidente Roosevelt eram as ações subversivas de “quinta coluna” que os alemães vinham executando na Europa¹. O escolhido para essa missão foi um advogado milionário de Wall Street, condecorado com a Medalha de Honra na Primeira Guerra Mundial: o Coronel William Donovan, da Reserva (conhecido pelo apelido de “Wild Bill”). Em duas missões conduzidas entre julho e dezembro de 1940, Donovan colheu informações sobre a situação na Europa e no Mediterrâneo. Constatou que os alemães “faziam pleno uso de ameaças e promessas, subversão e sabotagem

Nathan C. Hill concluiu, recentemente, o mestrado em História Militar pela George Washington University. Sua pesquisa teve como foco o envolvimento dos EUA em

operações de insurgência e contrainsurgência durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnã.

e Inteligência especial”; que a “preparação no campo da guerra irregular e não convencional era tão importante quanto a preparação militar convencional”; e, ainda, que “os EUA e a Grã-Bretanha só estavam [aptos a] conduzir essa nova e importante guerra em uma escala mínima”². Para vencer essa “nova e importante guerra”, Donovan voltou sua atenção a uma ideia milenar: a guerra de guerrilha. Idealizou a criação de frações com efetivos altamente adestrados inseridos atrás das linhas inimigas, incumbidos de executar ações de sabotagem, colher dados de Inteligência e, o que é mais importante, instruir e coordenar atividades de resistência de guerrilha. Em 1942, Donovan foi encarregado do Gabinete de Serviços Estratégicos, sendo-lhe conferida “autoridade para atuar nos campos da sabotagem, espionagem e contraespionagem em territórios ocupados ou controlados pelo inimigo; guerra de guerrilha; e [junto a] grupos da resistência em territórios ocupados ou controlados pelo inimigo [...]”³. Com essa missão, Donovan e o OSS poderiam começar a recrutar e instruir os agentes necessários para cumprir o objetivo de “semear os dentes de dragão”⁴ na Europa ocupada⁵.

Donovan concebeu dois tipos de unidade a serem inseridas atrás das linhas inimigas: primeiro, os GO; segundo, as equipes *Jedburgh*. Ambos os tipos foram incumbidos de missões semelhantes no que diz respeito a se conectarem a grupos de resistência existentes e coordenarem suas atividades com o Comando Aliado, organizarem lançamentos de suprimentos por radiotransmissor e repassarem dados de Inteligência. A semelhança acaba aí. As equipes *Jedburgh* eram frações de três integrantes, que atuavam clandestinamente para apoiar e dirigir as atividades de guerrilha. Diferentemente dessas equipes, que dependiam, exclusivamente, das capacidades desconhecidas de combatentes parcialmente adestrados e armados da resistência como principal força ofensiva, os GO eram compostos de soldados treinados, capazes de operar com autonomia, sem o apoio de guerrilheiros, atrás das linhas inimigas, se necessário. Por essa

razão, os GO eram, de modo geral, encarregados de missões que exigiam ações ativas e agressivas contra o inimigo em áreas de operação críticas e contra objetivos de alto valor, que tendiam a ser protegidos por fortes elementos inimigos — missões que teriam sido, normalmente, atribuídas a tropas de elite, como os U.S. Army Rangers ou o British Special Air Service. Os comandantes sabiam o que os GO eram capazes de realizar e podiam contar com eles para cumprir os objetivos da missão ou morrer tentando. Assim, em 1944, os GO foram designados como 2671º Batalhão de Reconhecimento Especial Provisório (Independente), demonstrando que os “GO, com efeito, constituíam unidades militares táticas”⁶.

Recrutamento e Adestramento

Os GO não buscavam recrutar soldados típicos. Queriam soldados inteligentes e motivados, dispostos a pensar e agir de modo criativo quando não houvesse ordens diretas — indivíduos inovadores ou, como diríamos hoje em dia: que soubessem pensar “fora da caixa”. Contudo o quesito mais importante em um candidato era a proficiência em um idioma. Conforme mencionado anteriormente, a principal tarefa de um GO era armar e instruir os combatentes da resistência em sua área de operações no emprego de armas e táticas de guerrilha complexas. Isso exigia que fossem quase fluentes no idioma a ser utilizado. O OSS esquadrihou as bases militares dos EUA, procurando por



William J. Donovan passa em revista os Grupos Operacionais da Área F antes de partirem para uma missão, Estado de Maryland, 1945.

Exército dos EUA

homens que pudessem desempenhar esse papel. Buscou recrutar norte-americanos de primeira geração, que não só fossem fluentes no francês, italiano, norueguês, grego ou idiomas eslavos, mas que também compreendessem os costumes dos países de origem de seus pais. Caso um candidato atendesse à exigência de idioma, o próximo quesito era estar “disposto a desempenhar tarefas perigosas”, seguido da pergunta: “Está disposto a atuar fardado atrás das linhas inimigas?”

Por serem oriundos de unidades militares regulares, os integrantes dos GO não necessitavam de instrução básica. Precisavam, sim, de treinamento especializado sobre a teoria e a prática da guerra de guerrilha. O OSS estava abrindo novos caminhos: um empreendimento como esse não havia sido concebido anteriormente nas Forças Armadas dos EUA e não havia precedentes para o adestramento de tropas para atuarem como guerrilheiros atrás das linhas inimigas. As mais importantes fontes de inspiração foram o Special Air Service (Serviço Aéreo Especial) e Special Operations Executive (Serviço de Operações Especiais), da Grã-Bretanha, que possuíam bem mais experiência que as Forças Armadas dos EUA no adestramento de comandos. Os britânicos compartilharam seus conhecimentos

por meio de manuais, currículos de cursos e, mais tarde, instrutores, essenciais para a criação do programa de instrução do OSS⁸. Existem versões diferentes do programa de instrução utilizado pelos GO, mas todas refletem a necessidade de proficiência nas seguintes áreas: demolição, armas portáteis (com ênfase em armas estrangeiras), armamentos de emprego coletivo (incluindo o recém-introduzido lança-rojão), combate com e sem armas (especificamente, técnicas silenciosas de eliminação), exploração, patrulhamento, reconhecimento, utilização de equipamentos de comunicações, medidas de segurança da tropa, princípios de táticas de fração, métodos de guerra de guerrilha, combate urbano, métodos de organização e adestramento de civis nas técnicas e execução de guerra de guerrilha e muito mais.

O currículo inicial dos GO consistia em 152 horas de instrução (sem incluir o condicionamento físico). Mais de um terço (57 horas) era dedicado à principal missão dos GO: teoria e táticas da guerra de guerrilha. O adestramento avançado consistia em mais 106 horas, com um foco intensivo em demolições, armas e preparação para a instrução paraquedista, que seria realizada em outro local. Os instruídos dos GO eram avaliados com base



Biblioteca do Congresso dos EUA, LC-W33-56551-ZC

Um comboio militar utiliza um meio de travessia flutuante durante a preparação para a invasão da Normandia, Cherbourg, França, 1944.

não apenas em habilidades físicas de pontaria e combate cerrado, mas também em características mentais e de personalidade, como a capacidade de cooperar, competências de liderança e estabilidade emocional. Depois de concluir o adestramento avançado, os integrantes dos GO iam para o Forte Benning, no Estado da Geórgia, ou para um campo de instrução do Special Operations Executive, no exterior, para a instrução paraquedista. Ao término do treinamento, o integrante típico de um GO teria cursado um total de 250 horas, sem incluir o adestramento prévio de infantaria. Com isso, as GO eram as unidades mais bem treinadas do OSS⁹.

A Companhia B

As operações dos GO foram conduzidas em todas as partes do TO Europeu durante a Segunda Guerra Mundial. Destacamentos foram enviados à Noruega, à Itália, à França, à Grécia e aos Bálcãs. Planos de infiltração na Alemanha foram abandonados depois da tomada de Berlim em maio de 1945. A missão geral da Companhia B, do Batalhão de Reconhecimento Especial, era apoiar a Operação *Dragoon*, invasão do sul da França a partir do Mediterrâneo. A Companhia B consistia de 21 Grupos Operacionais individuais. Treze partiram do Norte da África e os oito restantes, do Reino Unido. Esta discussão se concentra em uma operação, denominada *Justine*, que é representativa dos objetivos de missão atribuídos aos GO, segundo o relatório operacional da Companhia B. Todos os GO franceses recebiam as seguintes missões¹⁰:

- Cortar as linhas de comunicação inimigas;
- Atacar instalações inimigas vitais;
- Organizar e adestrar elementos de resistência locais;
- Estimular o moral e os esforços dos elementos de resistência locais;
- Fornecer dados de Inteligência aos exércitos aliados locais¹¹.

Operação *Justine*

Em 29 Jun 44, a Operação *Justine*, contando com 15 soldados e comandada pelo Primeiro-Tenente

V. G. Hoppers, foi introduzida por meio aéreo na região de Vercors, na França, 60 quilômetros a sudoeste de Grenoble, no Departamento de Isère¹². Sua missão era municar e treinar os *maquis*, fortalecer suas defesas na região e conduzir ataques de guerrilha contra as linhas de comunicação e tropas inimigas. A geografia da região de Vercors onde os GO aterraram consiste em planaltos com encostas íngremes cobertas de matas e vales profundos. Apenas três estradas principais ofereciam acesso à área, que eram ladeadas por penhascos ou colinas cobertas de mata. Era o local perfeito para o combate de guerrilha. Por ser mais fácil de defender, tornou-se uma área segura para os combatentes da resistência, sendo apelidada de “Fortaleza de Vercors”. A resistência se sentia tão segura em Vercors que 5 mil *maquis* se reuniram na região, contrariando as recomendações do Comando Aliado, de que mantivessem frações pequenas e móveis. Para piorar a situação, dias depois da chegada dos GO, a liderança da “Fortaleza de Vercors” cometeu a imprudência de se declarar “A República Livre de Vercors”.

A primeira ação ofensiva dos GO foi uma emboscada conduzida no dia 07 de julho. Uma fração de 20 *maquis* que eles haviam armado e adestrado preparou uma emboscada em uma via principal na direção norte-sul, nas proximidades do vilarejo de Lus-la-Croix-Haute, a cerca de 70 quilômetros a sudeste de seu quartel-general em Vassieux-en Vercors e 65 ao sul de Grenoble. O local escolhido foi um “trecho de estrada de cerca de 275 metros, com o formato de uma ferradura de cavalo”, tendo, a leste, uma escarpa com 9 metros de altura, lugar perfeito para uma emboscada¹³. Os *maquis* estavam dispostos em uma formação em “L”. No topo do “L” havia dois homens, um armado com um lança-rojão e outro com um fuzil automático *Browning* (metralhadora leve), encarregados de parar o veículo da frente e quaisquer outros que tentassem fugir da emboscada pela estrada. Os demais estavam posicionados ao longo da escarpa acima da estrada e armados com fuzis, submetralhadoras, granadas de mão e granadas *Gammon*.

Logo depois de montarem a emboscada, foram avisados por um simpatizante local que havia um comboio alemão composto de seis caminhões e aproximadamente 120 militares a cerca de uma hora de distância. Quando o comboio chegou ao local da emboscada, a primeira viatura foi atingida e incapacitada por um disparo do lança-rojão. O segundo caminhão tentou contornar o primeiro, mas foi impedido pela metralhadora Browning. Os outros três caminhões e um ônibus foram atacados por homens posicionados ao longo da estrada. Atuaram com fogo de armas portáteis e granadas contra os soldados alemães situados na traseira dos caminhões, que foram mortos pelos estilhaços das granadas *Gammon*¹⁴. Um segundo caminhão foi destruído por um disparo de lança-rojão, enquanto os alemães saltavam dos veículos restantes e começavam a estabelecer posições de metralhadora e morteiro para responder ao fogo. Seguindo o estilo tradicional de guerrilha, o ataque cessou tão rápido quanto havia começado. Os GO e os *maquis* recuaram para um ponto de reunião predefinido, a cerca de 15 quilômetros de distância. Quase todos chegaram a salvo, com exceção de um combatente *maquis* que sabiam estar morto e um outro, que não retornou. No dia seguinte, o corpo do homem desaparecido foi encontrado em um vilarejo próximo, onde, após capturado, havia sido torturado até a morte pelos alemães na frente dos moradores. O número de alemães mortos pelos GO e seus companheiros *maquis* chegou a 60, além de 25 feridos e de três caminhões e um ônibus destruídos.

No Dia da Bastilha, uma semana após a emboscada em Lus-la-Croix-Haute, houve um grande lançamento aliado de 1.457 caixas (com paraquedas vermelhos, brancos e azuis) com armas portáteis, munição e outros suprimentos, na região de Vercors. A declaração de “República Livre” levou a uma intensificação dos ataques de guerrilha e, diante do lançamento de suprimentos, os alemães foram obrigados a reagir. Em 16 de julho, os GO receberam informações de que havia uma escalada de tropas em Grenoble, a nordeste, e Valence, no oeste, e que um assalto aeroterrestre ocorreria em breve. Na manhã de 19 de julho,

pôde-se ouvir o som de aeronaves sobrevoando o planalto, e os homens de Vercors viram 20 aeronaves rebocando planadores. A princípio, alguns acharam que eram a tão esperada chegada da infantaria aliada, mas quando os planadores aterrissaram, ficou claro que não se tratava de reforços, e sim de um assalto aeroterrestre alemão. Os planadores pousaram em uma pista que estava sendo construída perto de Vassieux, trazendo 400 *SS Sturmtruppen* (tropas de assalto alemãs). Os *maquis* lutaram bravamente contra eles (um *maquis* destruiu dois planadores com uma metralhadora pesada), mas foram repelidos, e os alemães invadiram Vassieux¹⁵. Os GO organizaram um assalto ao vilarejo, para tirá-lo do controle alemão. O combate durou três dias. Os GO e os *maquis* não puderam expulsar os *Sturmtruppen*, mas conseguiram imobilizá-los no vilarejo. Coincidindo com o assalto aéreo, a Infantaria, Artilharia e Blindados alemães e as forças paramilitares francesas (*Milice*) atacaram Vercors a partir do nordeste e do oeste¹⁶. Nessa altura, determinou-se que, apesar de terem conduzido uma defesa heroica até aquele momento, os *maquis* não seriam capazes de defender a “Fortaleza de Vercors” contra um ataque maciço alemão sem o emprego de armas coletivas, artilharia ou apoio aéreo.

Os GO e seus guias *maquis* iniciaram a retirada, que levou duas semanas, operando durante a noite, escondendo-se em florestas cheias de patrulhas alemãs e da *Milice*, “nunca podendo falar acima de um sussurro” e sobrevivendo com nada mais que “batatas cruas e um pouco de queijo”. Finalmente, em 09 de agosto, a fração escapou da busca em curso ao redor de Vercors e alcançou outros grupos da resistência. Os homens da Operação *Justine* estavam em péssimo estado, cansados, doentes e subnutridos. O Primeiro-Tenente Hoppers havia perdido cerca de 17 quilos. Alguns passaram semanas sem conseguir caminhar, e outros sofreram de disenteria durante um mês.

Embora tivessem perdido Vercors, a Operação *Justine* havia sido, em geral, um sucesso para os GO e para a doutrina de guerra não convencional. Primeiro, a emboscada capitaneada pelos GO representou um enorme êxito, com 60 alemães

mortos em combate, em comparação a duas baixas entre os *maquis*. Segundo, este e outros ataques obrigaram os alemães a dedicar tropas e aeronaves para atacar Vercors. Estima-se que foram empregados 22 mil militares alemães e uma quantidade considerável de equipamentos (infantaria, blindados, artilharia, aeronaves e a *Milice*) no ataque e em tentativas de isolar a região. Esses soldados foram “todos desviados da frente na Normandia ou de posições defensivas no sul”¹⁷. As perdas verificáveis infligidas pelos GO e seus companheiros *maquis* incluíram 250 *Sturmtruppen* mortos em combate durante o confronto em Vassieux (mais da metade da força de assalto) e o abate de três aeronaves. A única baixa sofrida pelos GO foi o Primeiro-Tenente Chester L. Myers, que teve apendicite antes do ataque alemão e, quando ainda se recuperava da cirurgia, foi capturado e morto pelo inimigo. A Operação *Justine* demonstrou que uma força de guerrilha pequena, agressiva e bem adestrada poderia efetuar o combate não apenas no nível tático, mas também no nível operacional, produzindo resultados que excediam em muito os custos físicos e materiais.

É possível aferir as conquistas dos GO e o êxito da doutrina de guerra não convencional com uma análise dos resultados a seguir:

- 461 alemães mortos;
- 467 alemães feridos;
- 10.021 prisioneiros alemães;
- 3 aeronaves abatidas;
- 11 linhas de transmissão de energia/telecomunicações cortadas¹⁸;
- 3 oficiais e 4 graduados norte-americanos mortos;
- 4 oficiais e 2 graduados norte-americanos feridos;
- 2 oficiais e 2 graduados norte-americanos capturados ou desaparecidos¹⁹;
- 3 locomotivas destruídas;
- 33 viaturas destruídas;
- 32 pontes destruídas;
- minagem de 17 estradas.

Levando em consideração o fato de que havia apenas 356 integrantes dos GO atuando na França, a proporção de mortos, feridos e capturados em

combate do inimigo em relação aos GO é surpreendente: mortos em combate, 65:1; feridos em combate, 66:1; e capturados 2.505:1. Esses números representam apenas incidentes envolvendo diretamente os GO e registrados por eles. Caso se considerem as perdas infligidas ao inimigo pelos *maquis* que haviam sido armados e treinados pelos GO, esses números seriam indubitavelmente bem maiores. Ademais, eles não registram com exatidão a importância das informações táticas oportunas fornecidas ao Comando Aliado sobre os movimentos das tropas alemãs.

Houve outros fatores que prejudicaram a eficácia geral dos GO. Sua principal queixa nos relatórios pós-ação era a de que haviam sido enviados tarde demais para serem tão efetivos quanto poderiam. Em todos os relatórios compilados pelo Tenente-Coronel Cox, foi mencionado que, se os GO houvessem sido introduzidos na região meses antes, teriam tido tempo para adestrar melhor os *maquis*, obter maior consciência situacional e realizar muito mais. O fato de que os GO conseguiram realizar tanto em tão pouco tempo é notável: a maioria de suas operações durou apenas entre um e dois meses em média, mas produziu resultados surpreendentes. O OSS e os GO haviam demonstrado o potencial militar da guerra não convencional. Contudo, em outubro de 1945, o Presidente Truman assinou um Ato do Executivo dissolvendo o gabinete e todas as organizações subordinadas, com exceção do quadro de Pesquisa e Análise, que foi transferido para o Departamento de Estado²⁰.

À medida que a Guerra Fria foi se agravando, as Forças Armadas dos EUA começaram a reconhecer o potencial militar dos habitantes insatisfeitos de países do outro lado da Cortina de Ferro. Em 1951, o Gabinete do Chefe de Guerra Psicológica divulgou um relatório que estimava que havia “370 mil homens [recrutados] em potencial na União Soviética e em países satélites”²¹. A possibilidade de recrutar quase 400 mil guerrilheiros dentro do bloco soviético em uma futura guerra despertou o interesse de alguns militares norte-americanos em desenvolver uma unidade de guerra não convencional

dentro dos moldes dos grupos operacionais originais. Em 01 Mai 52, foi fundado o Centro de Guerra Psicológica no Forte Bragg, Carolina do Norte, cujo objetivo era instruir militares nas mesmas habilidades e táticas ensinadas aos GO em 1944. O homem escolhido para chefiar o comando e instruir a nova unidade foi o Coronel Aaron Bank, adestrado para integrar um GO, mas enviado para a França como parte de uma equipe *Jedburgh* em 1944. Pode-se observar a influência dos GO no recrutamento e adestramento do 10º Grupo de Forças Especiais. Os requisitos para as Forças Especiais são quase idênticos aos dos GO: “adestrados ou dispostos a enfrentar o treinamento paraquedista; proficiência em idioma (europeu) [...] dispostos a participar de operação de infiltração aérea e a operar atrás das linhas inimigas”²². Alguns dos primeiros instrutores no centro do 10º Grupo de Forças Especiais foram os veteranos do OSS. Além disso o OSS e os GO



Departamento de Defesa dos EUA

Integrantes de uma equipe *Jedburgh* diante de um bombardeiro B-24 ao anoitecer, na Área T, Aeródromo de Harrington, Inglaterra, 1944.

eram considerados um marco de referência para o grupo. Bank se declarou “determinado a obter um grau de proficiência igual ou melhor que os precursores no OSS da unidade”²³. **MR**

REFERÊNCIAS

1. ROOSEVELT, Kermit. *War Report of the OSS, Office of Strategic Services* (New York: Walker, 1976), p. 3.

2. *Ibid.*, p. 7-8.

3. *Ibid.*, p. 105.

4. Essa citação se refere ao antigo mito grego de Cadmo, que fundou a cidade de Tebas. Cadmo matou o dragão sagrado que vigiava a fonte de Ares, instado pela deusa Atena. Foi instruído a semear os dentes do dragão no solo. Do local onde foram plantados, surgiu um grupo de guerreiros armados, que fundaram Tebas com Cadmo. Donovan, sem dúvida, quis aludir ao papel dos agentes do OSS, que, à semelhança de Cadmo, plantaram sementes de resistência, fazendo surgir guerrilheiros do nada, para atacar a retaguarda do inimigo.

5. Memorandum 94, 22 Dec. 1941, William J. Donovan ao Presidente Franklin Roosevelt.

6. Roosevelt, p. 87.

7. *Operational Group Field Manual*, p. 8. BANK, Aaron. *From Oss to Green Berets: The Birth of the Special Forces* (Novato: Presidio, 1986), p. 2.

8. CHAMBERS II, John Whiteclay. *OSS Training in the National Parks and Service Abroad in World War II* (Washington, DC: National Park Service, 2008), p. 52.

9. *Ibid.*, p. 199-200.

10. COX, LTC Alfred. *Operational Report: Company "B" 2671st Special Reconnaissance Battalion Provisional (Separate)*. 1944: OSS Records (RG 226), Entry 99, Box 44, National Archives II.

11. Algo não mencionado no relatório de Cox foi a proteção de instalações (pontes, centrais elétricas e fábricas) consideradas vitais para o êxito da invasão e que pudessem ser alvos de destruição para os alemães em retirada, as missões contra ações de “terra arrasada”.

12. A menos que especificado de outra forma, as fontes sobre a

Operação *Justine* constam de COX, *Operational Report: Company "B", 1-9; Original Field Report: Operation "Justine" 6/28-8/24, 1944*, OSS Records (RG 226), Entry 99, Box 41, National Archives II.

13. COX, *Operational Report: Company "B"*, p. 3.

14. As granadas *Gammon* britânicas consistiam em uma bolsa feita de material semelhante à lona e um detonador de impacto. O usuário enchia a bolsa com até cerca de um quilo de explosivos plásticos C-2 ou outros materiais (os GO da Operação *Justine* usavam em torno de meio quilo de C-2 e meio quilo de ferro velho). Depois que o pino era removido, a granada lançada explodia no impacto, o que a tornava tão perigosa para o usuário quanto para o inimigo, caso não fosse utilizada corretamente. A granada *Gammon* era consideravelmente mais poderosa que a granada convencional e bastante útil para destruir veículos.

15. EHRlich, Blake. *Resistance: France 1940-1945* (Boston: Little, Brown, 1965).

16. *Milice* refere-se às forças milicianas do Governo de Vichy da França, que colaborava com os nazistas.

17. National Archives II, *OSS Operational Groups with French Resistance, February 1945*, OSS Records (RG 226), Entry 99, Box 16.

18. National Archives, *Results of Partisan Operations Controlled or Led by OGs*, OSS Records (RG 226), Entry 99, Box 40, Folder 8, II.

19. National Archives II, *OSS Aid to the French Resistance in World War II: General Donovan's Report to the JCS, 1945*, OSS Records (RG 226), Entry 99, Box 40, Folder 6.

20. President Harry S. Truman Executive Order 9621, 20 Sept. 1945.

21. *Ibid.*, p. 125.

22. BANK, p. 168-69.

23. *Ibid.*, p. 172